

Novas Abordagens Teórico-metodológicas para o Estudo do Turismo: Um Ensaio sobre Resiliência Sócio-Ecológica na Costa Paraense

Neila Waldomira do Socorro Sousa Cabral¹

Resumo

Este trabalho apresenta contribuições conceituais e metodológicas de análises sistêmicas, envolvendo ciências sociais e ciências naturais, visando à aplicabilidade do desenvolvimento do Turismo Sustentável em territórios costeiros. O objetivo é suscitar um debate a cerca da utilização de um referencial teórico-metodológico que articula sistemas sócio-ecológicos – SES - e Resiliência à análise dos impactos provocados pelo turismo, a partir de dados primários e secundários, em uma área amostral: a costa bragantina. Constata-se, que o poder resiliador da região costeira bragantina constitui-se de forças motrizes endógenas envolvendo tanto aspectos sociais quanto ambientais. Conclui-se, assim, que é viável a aplicação dos conceitos de Resiliência e SES nos estudo do Turismo.

Palavras Chave: Turismo, Resiliência, Sistema sócio-ecológico (SES), Costa.

Introdução

Por não se constituir em um corpo de conhecimento independente, com antecedentes próprios, o Turismo possui caráter efetivamente interdisciplinar, visto que não é uma ciência, mas uma área das Ciências Sociais Aplicadas. Não se trata de uma disciplina, mas de um objeto de estudo pertencente a muitas disciplinas e estando sujeito a variadas influências epistemológicas e metodológicas. O turismo é um fenômeno social, um setor crescente da economia, que oferece uma extensa cadeia de atuações profissionais. Desse modo, tem sido objeto, de um significativo número de pesquisas, tendo em vista sua compreensão e as consequências que sua presença impõe às áreas nas quais se desenvolve.

Verifica-se, assim, a necessidade do aperfeiçoamento de novos métodos e técnicas que potencializem a geração de conhecimentos científicos confiáveis a cerca desse novo campo. Observa-se, também, que a produção e a difusão desses conhecimentos é condição “*sine qua non*” para se pensar em turismo sustentável.

Um estudo realizado na região costeira bragantina do Pará, contemplando os sistemas sociais (comunidades de pescadores) e ecológicos (manguezal) como área amostral, será

¹ Bacharel em Turismo e doutora em Desenvolvimento Sócio-ambiental - Instituto Federal do Pará – IFPA – neilacabral@yahoo.com.br

analisado neste artigo. Usando os conceitos de Sistema Sócio-Ecológico – SES - e da Resiliência, serão enfatizadas as relações entre o uso dos recursos naturais no turismo e a organização e estruturação sócio-econômica local.

Segundo Glaser (2005), a Zona costeira apresenta a interface terra-mar. Nesta região, as atividades continentais afetam fortemente o ambiente, os recursos e as atividades marinhas e vice-versa. Essa área possui um mosaico de ecossistemas de elevada produtividade, biodiversidade, dinâmica sócio-econômica e ambiental. O manguezal é o ecossistema predominante, perfazendo, na Amazônia, 10.220 Km².

Nos últimos anos, as bases da economia costeira têm sofrido profundas modificações, devido à procura do lazer e dos produtos do mar. O setor sócio-econômico e o ambiental passaram por transformações irreversíveis. O Turismo traz atividades agregadas. Sua introdução influencia a população local, conduzindo a mudanças em seus valores e modo de vida.

Neste sentido, o objetivo deste ensaio é refletir sobre a utilização de novas perspectivas teórico-metodológicas nos estudos investigativos do Turismo, apresentando as nuances dessa proposta metodológica na investigação de um objeto de grande relevância. O presente artigo é um recorte de um trabalho de doutoramento que envolve uma estratégia metodológica plural.

Os resultados demonstram que os principais fatos que contribuem para aumentar e diminuir a resiliência sócio-ecológica dessa região são as forças motrizes endógenas: o capital social e o Conhecimento Ecológico Local - CEL. Assim, o acoplamento de novos debates epistemológicos às investigações do fenômeno turístico e a aplicabilidade dos conceitos de Resiliência e SES a novos estudos são necessários para ratificar sua validade científica nesse setor.

Procedimentos metodológicos para uma pesquisa de resiliência sócio-ecológica.

Optamos pela teoria de sistema sócio-ecológico – SES - com ênfase na Resiliência, caracterizada aqui como um conjunto teórico-metodológico mais tangível, do ponto de vista da aplicação. Conceito novo no cenário amazônico, mas com experiências científicas

relevantes pelo mundo, especialmente em ambientes com características sócio-ambientais semelhantes².

Segundo Freire (2009), a análise da sustentabilidade a partir do SES permite a identificação do nível de complexidade do sistema. Localizaremos nossa análise numa escala temporal, construindo uma arquitetura para o próprio sistema e, finalmente, definindo a dinâmica de seu funcionamento.

O conceito de Resiliência se integra ao SES e ao debate de sustentabilidade como um mecanismo de mensuração da capacidade do sistema em tornar-se equilibrado. Segundo Freire (2009), existe basicamente dois conceitos sobre resiliência na literatura ecológica que competem entre si: **resiliência**, definida como a taxa de retorno ao equilíbrio após distúrbio; **resiliência**, considerada como uma propriedade emergente dos sistemas e concebida como a intensidade e a frequência de distúrbios que um sistema sócio-ecológico pode absorver sem que sofra mudanças fundamentais nas suas características funcionais (HOLLING, 1973). Nossa opção é pela definição de Holling.

A orientação de uma investigação sócio-ecológica é para compreender as inter-relações sociais e ecológicas que produzem mudanças, interpretando o objeto de pesquisa como um sistema adaptativo complexo.

As pesquisas que envolvem sistemas adaptativos complexos são relativamente recentes e têm sido amplamente aplicadas na ecologia. Esses estudos incluem os aspectos de variabilidade e adaptação. Isto permite entender como um sistema (ecológico ou social), numa escala superior, é mantido e reorganizado por processos que ocorrem nas escalas inferiores de organização.

Segundo Folke, et al., (2002), embora essas abordagens tenham mais de 25 anos de experimentação, elas ainda representam uma área de fronteira no campo da pesquisa e da aplicação. Utilizam-se, preferencialmente, técnicas etnográficas participativas, métodos qualitativos e planejamento de cenários. Estes consistem em um método sistemático para pensar, de forma criativa, possíveis futuros em situações de incertezas, através da identificação de questões centrais ou problemas, que auxiliem na identificação de atores, conexões e atributos do sistema. Dados qualitativos, quantitativos e modelos também são utilizados para construir um conjunto de cenários plausíveis.

² Estudos como de BERKES et al., 2002, são exemplos interessantes.

O que se tem visto é um esforço coletivo, no meio científico, para construir um *portfólio* de referências metodológicas, para avaliar e validar o novo paradigma do não-equilíbrio introduzido por Holling na década de 70. (HOLLING, 1973).

Outro aspecto que vem sendo integrado a esses *portfólios* são técnicas que privilegiam a interação entre pesquisador e pesquisado: a observação participante. Isto demonstra que a relação entre conhecimento científico e conhecimento tradicional ou empírico, em diferentes formas de articulação e abordagens, facilita a solução de problemas, pois potencializa a comunicação, o intercâmbio e o monitoramento, reduzindo as limitações metodológicas que este novo campo investigativo apresenta. (FOLKE et al., 2000).

No campo da Resiliência, institutos foram criados nos últimos 10 anos, como o *Resilience Alliance* – RA, com uma base constituída em investigações de sistemas sócio-ecológicos, incluindo temáticas variadas e grupos de pesquisas multidisciplinares, em busca de novos caminhos para a sustentabilidade sistêmica.

A partir de uma análise cuidadosa na literatura sobre aplicações metodológicas e analíticas à nossa matriz teórica (Sistema Sócio-ecológico - SES e Resiliência) e ao nosso objeto de estudo (mudanças na zona costeira paraense causadas pelo turismo), foi possível aprimorar um modelo empírico do problema (mentalmente construído) transformando-o em um modelo teórico referencial baseado no SES e no *locus* onde ocorrem os fenômenos de resiliência, visando à manutenção do SES.

A metodologia em questão, neste ensaio, teve origem nos trabalhos de Brian Walker (2002) membro da *Resilience Alliance* – RA, pesquisador que concentra seus estudos na gestão da resiliência. Segundo ele, o objetivo da gestão da resiliência é evitar um movimento do SES em direções indesejáveis.

A metodologia aplicada busca contribuições em vários instrumentos e procedimentos já utilizados pela *Resilience Alliance* – RA. Utilizamos ainda a abordagem qualitativa através do método de estudo de caso associado à pesquisa documental.

O estudo de caso, na Zona Costeira Amazônica, reconhece dois tipos específicos de sistema: o ecológico e o social. Desse modo, nossas unidades amostrais incluem especificamente três comunidades da região costeira do município de Bragança-Pará-Brasil: Praia de Ajuruteua, Vila Bonifácio e Vila dos Pescadores. Nestas unidades, encontramos o sistema social (habitantes/usuários/comunidades) e o sistema ecológico (ecossistema manguezal e recursos naturais advindos dele).

A área não é de escolha aleatória, delimitada a partir do programa internacional de cooperação científica *Mangrove Dynamics and Management* (MADAM)³, está inclusa na classificação do Gerenciamento Costeiro – GERCO, paraense.

A pesquisa documental foi aplicada em documentos históricos e em estudos interdisciplinares realizados na área amostral pelo programa MADAM, no período de 1995 a 2005. A diferença está na nova abordagem teórica aplicada à análise dos dados.

A investigação contou ainda com a atualização e o monitoramento dos dados, no ano de 2008, a partir de pesquisa primária, no contexto do estudo de caso. Instrumentos utilizados: observação direta, formulários, entrevistas e registros fotográficos.

Nossa abordagem metodológica se compõe de quatro (4) passos distintos, interligados e adaptados para nossa investigação:

a) **Passo 1- Modelo Conceitual de Resiliência** - Descrição do sistema em seus subsistemas: o sócio-econômico e o ecológico, envolvendo uma investigação sobre os aspectos do contexto, conteúdo e processo. Buscamos historiar o nosso objeto de estudo, definindo seus principais acontecimentos em escalas e períodos de ordem interna e externa. Como produto, obtivemos a identidade do sistema e seu diagnóstico.

b) **Passo 2- Resiliência: Visões e Cenários** – As perturbações externas e os processos de desenvolvimento verificados na pesquisa participativa mostraram as configurações desejáveis e indesejáveis que o sistema tomou no período analisado. Estas trajetórias e configurações foram visualizadas a partir da percepção dos usuários.

c) **Passo 3 – Análise da resiliência** - A figura do oito (8) deitado apresenta as quatro (4) fases da resiliência de sistema sócio-ecológico. É possível visualizar as trajetórias do sistema, seu movimento e tendências. O produto principal desta etapa é a localização da fonte, das intensidades, das mudanças e da adaptação: as respostas do sistema aos choques e surpresas representados na figura do SES.

d) **Passo 4 – Gestão da resiliência** – Avaliação de todo o processo e suas implicações referentes ao entendimento das ações que podem aumentar ou reduzir a resistência do sistema.

³ A autora deste ensaio participou durante dez anos das pesquisas no âmbito do Programa MADAM.

Resultados e Discussões – Aplicação do modelo teórico-metodológico

- Passo 1- Modelo Conceitual de Resiliência do Turismo na Costa Bragantina

O desenvolvimento do turismo na região data da década de 70, decorrente da construção da rodovia PA 458, que liga a cidade de Bragança ao litoral. O turismo desenvolvido na área não contou com nenhum tipo de planejamento e é responsável pelas principais mudanças na paisagem local, bem como por fluxos migratórios para a região desde a década de 80.

O turismo foi responsável pela formação e a transformação da comunidade da praia de Ajuruteua, habitada por pescadores e vista por eles somente como um ambiente de trabalho (CABRAL,1999). Muitos deles deixaram seus lugares de origem para ganhar dinheiro com o novo mercado. Alguns nordestinos ali fixaram moradia.

A estrada provocou a remoção da vegetação de mangue, a formação de gretas de contração no solo, pela exposição aos raios solares, assim como o desequilíbrio no ecossistema manguezal. O número de veículos aumentou, ocasionando a compactação do solo arenoso da linha de pós-praia e a poluição sonora.

Durante o período de não veraneio, não existe coleta de lixo, os moradores locais depositam o lixo nas dunas. Este fato mostra a ausência dos serviços públicos.

O turismo não é uma atividade fomentadora da economia bragantina, ele não gera lucros durante todos os meses do ano. O fluxo de turistas só ocorre em períodos de alta estação (julho e janeiro) e em alguns feriados. As conclusões parciais de pesquisas ambientais e sócio-econômicas demonstram uma tendência para resultados mais negativos que positivos (GLASER 2005; CABRAL, 1999).

- As escalas de mudança no SES – Costa Bragantina

Para a visualização gráfica das escalas de mudança, usamos duas técnicas de pesquisa: análise bibliográfica e documental do material exposto no modelo conceitual; impressões de atores-chaves (lideranças e moradores mais antigos do lugar) através de conversas informais (com diário de campo), a fim de aproveitar o conhecimento local para o cruzamento com dados científicos.

O resultado do exercício metodológico mostra mudanças devido a ações endógenas e exógenas em três (3) escalas temporais: 1. Fase tradicional (antes de 1980); 2. Fase moderna

(a partir de 1980); 3. Fase transdisciplinar (pesquisas científicas na região 1995 – 2005). Nas escalas temporais, identificamos as principais forças motrizes que impactaram a área em escala territorial, local e regional.

- *passo 2 - Visões e Cenários do SES Costa Bragantina.*

Organizamos uma dinâmica dividida em dois momentos. No primeiro, uma reunião com oito (8) lideranças das comunidades, pessoas entre 20 e 50 anos de residência, já envolvidas com as pesquisas do MADAM. Apresentamos as três (3) fases das escalas de mudanças do SES. Solicitamos que os participantes (homens/mulheres), imaginando-se em cada uma das fases, decidissem quais acontecimentos/situações/recursos consideravam mais positivos e mais negativos para suas vidas e para o manguezal, valorando-os de zero a dez (0 a 10). Solicitamos ainda uma quarta (4ª) fase, a Pós-Pesquisa.

O resultado do primeiro momento (reunião participativa) foi um elenco de critérios posteriormente agrupados em quatro (4) dimensões: ambiental, social, econômica e política. Eles foram avaliados pelos indicadores positivo (satisfação) e negativo (insatisfação) para cada fase, com os indicativos de zero (0) a dez (10) atribuídos pelos participantes. Observamos que as lideranças possuem uma percepção clara do processo de mudança. Visualizam-se em condições ambientais e ecológicas mais favoráveis, atualmente, e desfavoráveis política, social e economicamente no início de suas histórias dentro do SES. Os dados foram colocados em planilha e os resultados para cada fase, reproduzidos graficamente (Gráficos 1).

O segundo momento consistiu na apresentação dos cenários imaginados no momento (1). As apresentações formaram um conjunto intangível de abstrações, conjugando sonhos, desejos, medos relativos ao passado, presente e futuro. Os cenários imaginados sinalizam as trajetórias do sistema sócio-ecológico Costa Bragantina, na percepção dos usuários, bem como seus ciclos adaptativos, possibilitando o reconhecimento das condições de resiliência.

- *Apresentação das visões e cenários no Sistema sócio-ecológico Costa Bragantina*

O cenário traduz dois tipos de orientação. Na primeira, as condições adaptativas por uma perspectiva de satisfação ou positividade acerca do sistema (Gráfico 1).

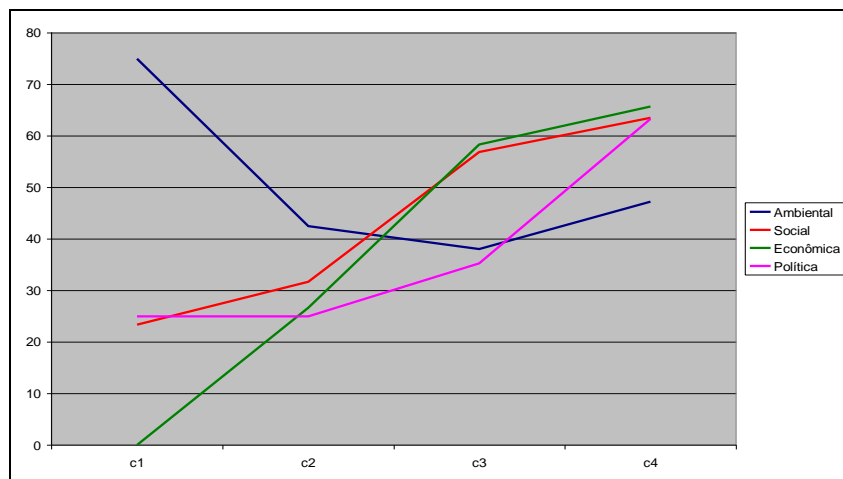


Gráfico 1 – Satisfação/crença no contexto histórico do SES

Fonte: Cabral (2010) – Pesquisa de campo 2002, 2005 e 2008

Na segunda, as condições adaptativas frente a uma perspectiva de insatisfação e descrença no desenvolvimento do sistema (observada em uma inversão do Gráfico 1).

O cenário é formado pelas escalas temporais definidas anteriormente: Fase Tradicional, primeiro ciclo adaptativo; Fase Moderna; Fase Transdisciplinar; mais a quarta fase, a do Aprendizado Social (projeção do futuro pós-pesquisas).

A partir do gráfico (1), observamos que na primeira escala temporal, a dimensão ambiental foi a melhor avaliada com 100% de satisfação relacionada a seus recursos, contrastando com a dimensão econômica com menor nível. Já as dimensões sociais e políticas aparecem com satisfação intermediária.

A fase um (1) corresponde ao período tradicional, com utilização simples dos recursos que existiam em abundância, significando ótimas condições ambientais e situação econômica estável, com ausência da proteção da rede social, bem como de políticas públicas consistentes. Suas prioridades estão mais voltadas à satisfação de necessidades básicas e à qualidade do ambiente natural: especificamente peixes e caranguejo que compõem a subsistência local.

Na fase dois (2), há uma brusca diminuição na qualidade e quantidade dos recursos naturais; porém, mostra o aumento da renda com melhorias na economia em geral, mediadas pelo incremento de políticas públicas que melhoram as condições sócio-econômicas locais. É nesta fase que implode o modelo de desenvolvimento capitalista na região. O evento chave foi a construção da estrada PA 458.

Na fase três (3), a dimensão ambiental continua decrescendo com uma tendência altamente negativa, mesmo dentro de um cenário econômico positivo. A inclusão de programas de pesquisa interdisciplinares e trans-disciplinares como o MADAM, os programas de co-gestão do governo federal, como o RESEX, e as políticas públicas em escala local, criam um clima de felicidade e crenças com tendências à superação de algumas contradições no processo de desenvolvimento.

A fase quatro (4) implica projeção do futuro. As lideranças acreditam que estão no caminho certo e que, com a intensificação da presença do Estado, através de políticas públicas e pesquisas, poderão prosseguir com mais segurança para um processo de co-gestão - Estado e população local - dos recursos naturais.

- Passo 3 - Análise da Resiliência

Nesta região o manguezal constitui a principal referência ambiental, sendo fonte de renda e subsistência.

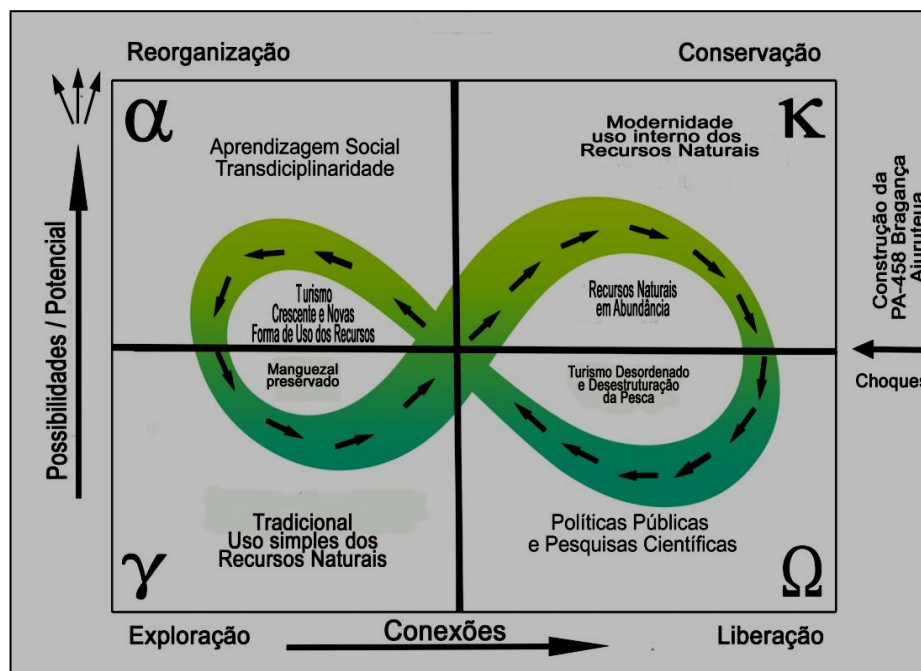
Apresentaremos, a seguir, a fonte e a função das mudanças ocorridas no sistema ecológico e social e como ele vem adaptando-se às novas configurações.

- Os ciclos adaptativos e as fases da resiliência na Costa Bragantina

A figura do “8” deitado (Organograma 1) introduzida por Holling (1973) traduz os ciclos adaptativos, assim como a análise de sua resiliência.

1ª – FASE (r – EXPLORAÇÃO)

Sistema de uso tradicional dos recursos naturais por meio de tecnologias artesanais. Nesta fase, a interferência humana no sistema foi pouco impactante. A área era habitada por pescadores que se relacionavam com o mercado através do sistema de aviação. O sistema ecológico estava preservado e o sistema social baseava-se em uma rede de trocas na qual o capital social subsidiava demandas sócio-econômicas não efetuadas pelo Estado. Nesta fase a resiliência é considerado alta.



Organograma 1: O Ciclo Adaptativo do SES Costa Bragantina/nordeste paraense

Fonte: Cabral, Neila (2010) – Análise da Pesquisa

2ª – FASE (K CONSERVAÇÃO)

Abundância de produtos. Aperfeiçoamento das técnicas de produção do pescado com o uso intenso de captura, assim como mudanças no modelo de produção e comercialização, Incluem-se, nesta fase, novas atividades. Incremento das atividades produtivas em virtude da construção da estrada que liga Bragança à costa. Choque que mudou o sistema. Pescadores ingressam no mercado informal, com a venda de produtos variados, indo residir na segunda linha da praia (dunas ou manguezais), vendem suas residências na primeira linha da praia aos comerciantes do Turismo. Primeiros processos de mudança nos padrões de uso e organização do espaço. Resiliência demonstrada na capacidade de reorganização dos pescadores.

3ª – FASE (Ω LIBERAÇÃO)

Mudanças na orientação produtiva provocam o crescimento demográfico e a especialização do trabalho. A primeira faixa da praia é ocupada por pequenas moradias de nordestinos; a segunda, passa a ser povoada pelos pescadores que deixam a atividade tradicional para ingressarem no mercado informal; a do manguezal é aterrada para atender às necessidades do turismo. A ação do Estado aparece com mais frequência. Surgem políticas públicas e programas de pesquisas científicas como MADAM e RESEX. O sistema chega ao limite de sua resiliência.

4ª – FASE (a REORGANIZAÇÃO)

Aqui aparecem possibilidades/potencial para novas trajetórias, onde uma delas pode ser um turismo mais orientado na sustentabilidade costa bragantina como visto no gráfico (1) sobre visões e cenários. Nesta fase consideramos nosso SES com resiliência alta capaz de co-evolui de maneira mais adaptável.

- Passo 4 - Gestão da resiliência na costa bragantina

Descrição de tendências que apontam sinais de resiliência. A população local desenvolve um conjunto de estratégias co-evolutivas positivas que impulsionam a resiliência: conhecimento tradicional da pesca; capital social; tempo de residência no sistema. Mas as pressões exógenas forçam a resiliência para trás. A chegada de novos produtores ao mangue e a presença de atividades não tradicionais aparecem como tendências negativas para a co-evolução do sistema. Esta perspectiva revela insustentabilidade social, em contraste com a sustentabilidade ecológica.

Estes resultados mostram que nos moradores locais e seus conhecimentos está a maior alternativa de criar equilíbrio entre sistema ecológico e sistema social. A autopoiesi é manifestada nos estreitos laços da vida local e a panarchy do sistema pode ser visualizada nas relações desarmônicas entre fatores endógenos e exógenos.

Considerações finais

Desejamos deixar claro, neste artigo, que o fortalecimento do sistema social é necessário para o desenvolvimento do turismo, independente do estado sistêmico ecológico atual, pois as configurações sistêmicas mais desejadas têm relação direta com a vida da população local, que precisam de um sistema ecológico equilibrado para viverem com um mínimo de conforto. A conservação dos recursos naturais, para eles, é uma questão de vida ou morte, logo, não é de seu interesse colaborar para sua extinção. O turismo planejado pode ser um caminho para a preservação e manutenção econômica.

Ressaltamos alguns mecanismos que poderão fortalecer a resiliência do sistema sócio-ecológico da zona costeira bragantina:

- A educação e a capacitação popular como formação de capital social.

Encontramos, neste estudo, o principal potencial de resiliência no conhecimento das relações internas do mundo costeiro. Mas a população local necessita de conhecimento técnico - científico para lidar com alguns acontecimentos que geram mudanças no sistema e

podem ter caráter positivo, com fácil adaptação, dependendo do conhecimento de quem lida com o sistema.

- Direitos formais, representação política e políticas públicas

O Estado precisa se fazer mais presente através de políticas públicas que incluam a população local, em uma rede de proteção social que funcione na esfera local. Neste caso, uma política pública de turismo seria a sugestão efetiva para uma reorientação da atividade, visto que a mesma apresenta-se como uma tendência positiva no processo co-evolutivo da fase de reorganização do sistema.

E, reportando-nos a um dos principais objetivos deste artigo, a apresentação de uma nova orientação teórico-metodológica para o estudo do turismo, fica comprovada a viabilidade de análises com o uso do SES e Resiliência na compreensão do fenômeno turístico, validando assim nosso esforço no sentido de contribuir para a operacionalização de um Turismo Sustentável na Amazônia.

Referências

- CABRAL, Neila. Formação e transformação causadas pelo turismo no Nordeste do Pará: o caso de Ajuruteua. In: BARROS, H.; NOVAIS, A. (Ed.). **Perspectivas na agricultura do Nordeste do Brazil**. Recife: Universidade Rural de Pernambuco, 1999.
- FREIRE, Renata Mauro. **Sustentabilidade de sistemas socioecológicos sob a lente da resiliência**: o caso de uma associação agroecológica na Amazônia ocidental. Campinas, [s. n.], 2009.
- FOLKE, C. BERKES, F.; COLDING, J. Rediscovery of traditional ecological knowledge as adaptive management. **Ecological Applications**, v.10, n.5, p.1251- 1262, 2002.
- GLASER, M; CABRAL, N; KRAUSE, G; RIBEIRO, A. Resiliência do Sistema Socioecológico (SES): uma abordagem para o co-manejo transdisciplinar de ecossistemas. In: GLASER, M; CABRAL, N; RIBEIRO, A (Org.). **Gente, ambiente e pesquisa**: manejo transdisciplinar no manguezal. Belém: NUMA; UFPa, 2005.
- WALKER B. et al. Resilience management in social-ecological systems: a working hypothesis for a participatory approach. **Conservation Ecology**, v.6, n. 1, 2002. Disponível em: <<http://www.consecol.org/vol6/iss1/art14>> Acesso em: 5 mar. 2007.